

A sinonímia, a polissemia e a homonímia no vocabulário da *Fauna e da Flora*

(Synonymy, polysemy and homonym in the vocabulary of *Fauna* and *Flora*)

Sabrina de Cássia Martins¹

¹Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) – Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Campus de São José do Rio Preto

sabrismartins@gmail.com

Abstract: For a long time, the specialized lexical units have been seen as monoreferential and monosemic, having the sole purpose of standardizing technical and scientific communication. However, just as with science and technology themselves, terminological studies have also undergone a process of evolution and transformation. Once terminologies are considered part of the lexicon of a language and are analyzed through a descriptive prism, such units become susceptible to semantic phenomena. This paper aims to report the presence of synonymy, polysemy and homonymy in the terminology of *Fauna* and *Flora*, as well as their treatment in the Onomasiological dictionary of chromatic phrases of *Fauna* and *Flora*.

Keywords: Terminology; Semantic Phenomena; Fauna and Flora; Specialized Dictionaries.

Resumo: Durante muito tempo, as unidades lexicais especializadas foram vistas como monorreferenciais e monossêmicas, tendo como objetivo único e exclusivo padronizar a comunicação técnico-científica. Entretanto, assim como a ciência e a tecnologia passaram por um processo de evolução e transformação, também os estudos terminológicos evoluíram. Uma vez que as terminologias são consideradas como parte integrante do léxico de uma língua e são analisadas pelo prisma descritivo, tais unidades tornam-se passíveis de fenômenos semânticos. Este artigo objetiva relatar a presença da sinonímia, polissemia e homonímia na terminologia da *Fauna e da Flora*, e seu tratamento no *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da Fauna e Flora*.

Palavras-chave: Terminologia; Fenômenos Semânticos; Fauna e Flora; Dicionários Especializados.

Introdução

No século XIX, com a internacionalização das ciências, surgiu a necessidade de se criar estratégias para unificar a comunicação científica a nível mundial. Assim, no início do século XX, destacam-se os estudos que têm como foco as unidades lexicais especializadas (doravante ULEs) que, de um modo geral, tinham o objetivo estabelecer padrões terminológicos nos campos de especialidade, além de regras para a formação das terminologias que visavam à sua normatização internacional.

Tais estudos empregavam uma perspectiva normativa e prescritiva do uso das ULEs, unidades entendidas como designações de conhecimento, cuja função era eliminar ambiguidades nos textos técnicos, caracterizadas pela monorreferencialidade e monosse- mia associadas à precisão conceitual tão requerida para a fixação dos conceitos pela comunidade científica e para o intercâmbio comunicacional entre especialistas de diversas áreas ao redor do globo. Nesse sentido, a possibilidade de fenômenos semânticos como a sinonímia, a polissemia e a homonímia era completamente excluída. Uma vez defendida a univocidade nas terminologias, os estudiosos assumiam uma posição que desconsidera-

va aspectos pragmáticos e comunicativos que hoje são vistos como inerentes ao discurso especializado.

No decorrer da segunda metade do século XX, houve uma revisão dos pressupostos teóricos terminológicos que passaram a enfatizar o comportamento do seu objeto de estudo, isto é, o *termo*, em seu contexto real de uso, abrindo-se caminho para uma nova abordagem que estuda as ULEs por um prisma descritivo, considerando aspectos pragmáticos, comunicativos, variacionistas e cognitivos, que apontam para a atenção ao uso e funcionamento das ULEs. Ademais, tal postura argumenta que as ULEs devem ser tratadas como parte do léxico geral de uma língua, sendo, portanto, suscetíveis aos mesmos fenômenos linguísticos que o léxico comum. Desta sorte, partindo-se de uma postura descritiva dos estudos terminológicos, há o reconhecimento de que fenômenos semânticos como os supramencionados, tão recorrentes no léxico comum, também se fazem presentes no léxico especializado, caracterizando sua *plurivocidade* (BARBOSA, 2010).

O presente trabalho atenta para a presença de tais fenômenos nos domínios da *Fauna* e da *Flora*, âmbito que, assim como outras áreas de estudo, tais como a química e a anatomia, impulsionou a normatização de denominações das espécies para fins de comunicação internacional. As observações aqui apresentadas resultam de uma pesquisa desenvolvida durante um projeto de mestrado¹ que teve como objetivos o estudo das expressões cromáticas especializadas pertencentes a essas duas subáreas, bem como a elaboração de um dicionário onomasiológico que contempla tal fatia do léxico. Destarte, discorreremos sucintamente sobre a forma como tais fenômenos são caracterizados na Semântica e como são defrontados pelos estudos terminológicos. Por fim, relataremos como ocorrem na fatia lexical em questão e como os itens sinônimos, polissêmicos e homônimos foram tratados dentro do dicionário.

A sinonímia

Durante um período dos estudos linguísticos, acreditou-se que a sinonímia total fosse inexistente, pois se defendia que para cada forma linguística havia um dado e constante significado. Bréal, em 1921, no *Essai de sémantique* (apud ULLMANN, 1964), já dizia que unidades lexicais que são sinônimas em um determinado momento adquirem significados diferentes no decorrer de sua história, fato que impossibilita a permutação. Bloomfield, no livro intitulado *Language*, de 1933 (apud ULLMANN, 1964), defende que se se tratam de formas foneticamente diferentes o significado também será diferente. De acordo com Ullmann (1964), embora esses e outros estudiosos neguem a possibilidade da sinonímia, seria equivocado negar sua existência.

De fato, pouquíssimas palavras podem ser consideradas como sinônimas absolutas, pois, por mais sutis que sejam, as unidades lexicais apresentam traços que as distinguem das demais. Em outras palavras, unidades diferentes apresentam alguma distinção no significado, já que poucas delas são totalmente permutáveis em qualquer contexto, sem que haja alteração no seu significado objetivo, no tom ou valor evocativo. Argumenta-se que para duas ou mais unidades lexicais serem consideradas como sinônimas é preciso

¹ Cf. MARTINS, S. C. Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da *fauna* e *flora*. 2013. 220f. Dissertação (Mestrado) – São José do Rio Preto, 2013.

que compartilhem do mesmo conjunto de significados, pertencendo a um mesmo campo lexical, e sejam permutáveis em diferentes contextos, em diversos discursos.

Segundo Baldinger (1970), duas unidades lexicais são sinônimas absolutas quando há correspondência de conteúdo conceitual e simbólico, porém dificilmente serão julgadas como tal se forem consideradas fatores externos (que dependem do falante) e internos (que dependem da estrutura da língua). Retomando as palavras de Heger, o mesmo autor ressalta ainda que não existe identidade de significação, mas sim de conceitos.

Para Baldinger (1970), partindo-se do ponto de vista onomasiológico, grupos de unidades lexicais que ocupam a mesma posição dentro de um campo onomasiológico podem ser considerados como formas sinônimas absolutas. Pelo prisma semasiológico, por outro lado, duas unidades lexicais são sinônimas se há identidade de significado e de semema. Assim, conforme o autor, as unidades se distinguem pela presença de sememas que não compartilham. Portanto, unidades que apresentam várias significações dificilmente se enquadrarão entre os sinônimos absolutos.

Para além das unidades que figuram nos discursos do nosso cotidiano, tal fenômeno também está presente onde menos se esperaria, isto é, nas terminologias. Para Ullmann (1964), uma vez que as unidades lexicais especializadas podem ser delimitadas e apresentam um nível maior de neutralidade emocional, a definição de sinônimos absolutos torna-se mais fácil e, ainda segundo o autor, verifica-se que não é um fenômeno pouco comum. A seguir, relataremos como a sinonímia científica é abordada pelos estudos terminológicos.

A sinonímia científica

Embora durante muito tempo as terminologias tenham sido entendidas como um sistema à parte da linguagem comum e, portanto, sujeito à univocidade e ao monorreferencialismo, atualmente o princípio *para cada conceito o seu termo* não mais se sustenta. Uma vez que a sinonímia é um fenômeno semântico universal, seguramente será encontrada no discurso especializado. Sager (1990) defende a presença da sinonímia em terminologia, porém, ressalta que os itens lexicais especializados sinônimos referem-se a uma mesma realidade conceitual, assumindo o mesmo significado e ocorrendo no mesmo nível de discurso. Por sua vez, Cabré (1993) assume a naturalidade de formas alternativas de denominação para um mesmo conceito. Para a autora, a terminologia só considera formas sinônimas aquelas que são semanticamente equivalentes.

Contente e Magalhães (2005) ressaltam que a sinonímia nas terminologias apresenta aspectos de ordem intralinguística que diferem da sinonímia do léxico comum, uma vez que dependem do tipo de conceito e das exigências das situações de comunicação. Os mesmos autores adicionam que em terminologia existem os sinônimos e os quase sinônimos. Estes fazem referência às unidades que não são permutáveis em todo e qualquer contexto, estando o sentido sujeito a alterações. O primeiro, por sua vez, refere-se a uma relação de igualdade na significação, isto é, duas unidades referem-se ao mesmo conceito, entretanto, segundo eles, localizam-se em níveis de língua, conceituação ou comunicação diversos.

Citando Felber (1987), Contente e Magalhães (2005) ressaltam que a sinonímia em terminologia existe quando duas ou mais unidades lexicais especializadas referem-se

a uma mesma noção, estando associada à utilização de caracteres equivalentes ou não para a sua formação, além da utilização de unidades de origem distintas. Por exemplo, muito comuns são os casos em que diferentes denominações são criadas concomitantemente, a partir de radicais diferentes, um grego e outro latino, como *caecitis* (latim) e *typhlitis* (grego), ambas as formas denominando a inflamação do intestino. Outra forma é a coexistência em algumas nomenclaturas de um termo em língua nativa e outro criado a partir de radicais greco-latinos. Além disso, o mesmo autor afirma que a sinonímia também ocorre com a utilização paralela de uma unidade em L1 e outra internacional; uma unidade em L1 e outra inserida na língua por empréstimo; a coocorrência de uma unidade da língua geral e outra pertencendo à linguagem científica.

Segundo Ullmann (1964), duas ou mais unidades lexicais especializadas (ULEs) são sinônimas quando compartilham o mesmo semema, isto é, o mesmo *genus proximum* e as mesmas *differentiae specificaе*, sendo capazes de figurar no mesmo contexto de uso, sem alteração do sentido. No entanto, como bem destaca o autor, casos de sinônimos absolutos são extremamente raros, pois, por mais traços semânticos que compartilhem, cada unidade lexical tem suas peculiaridades, seus traços específicos, sua própria identidade que as diferem das demais.

Zgusta (1971 apud LANDAU, 1989, p. 105) especifica três aspectos do significado lexical: o *designatum*, que se refere ao conceito ou propriedades que o definem; a conotação ou suas características associadas; o campo de aplicação que é definido pela variedade de contextos em que determinada unidade é utilizada. Desse modo, a *sinonímia absoluta* ocorre quando duas unidades lexicais especializadas correspondem nos três aspectos de designatum, conotação e campo de aplicação, fato considerado raro por Zgusta entre as unidades da língua geral, porém relativamente frequente entre as terminologias.

Dalhberg (1981 apud CONTENTE E MAGALHÃES, 2005) define a sinonímia absoluta como um fenômeno raro em que as diversas denominações devem nomear conceitos absolutamente idênticos. Assim, duas formas diferentes devem precisamente referir-se a um mesmo conceito, ocorrendo num mesmo contexto situacional de comunicação. Em concordância, Barros (2004) acrescenta que a raridade do fenômeno deve-se à difícil permutabilidade das unidades lexicais em todos os contextos, às diferenças em relação à distribuição e aos sentidos cognitivos e afetivos.

São relativamente comuns os casos de sinonímia na Taxonomia,² estando vários nomes científicos relacionados a uma mesma espécie. No decorrer da nossa pesquisa de mestrado, que teve como objetivos o estudo e a sistematização das expressões cromáticas especializadas pertencentes à *Fauna* e à *Flora*, muitos foram os casos de sinonímia absoluta no que diz respeito ao nome científico. De acordo com Quicke (1996), o ideal seria que cada espécie tivesse um único nome científico, porém, o autor admite a grande frequência desse fenômeno e afirma que tal fato se deve a dois motivos: i) mais de um grupo de pesquisa trabalhando numa mesma entidade, o que resulta na competição de dois ou mais nomes para a denominação de uma espécie; ii) a não concordância entre os pesquisadores sobre o número de táxons envolvidos num determinado grupo, podendo resultar na subdivisão da classificação. O autor ainda coloca que, por regra, cada táxon deve ter apenas um nome válido, que é geralmente o primeiro nome proposto, mas o que

² Ciência que descreve, identifica e classifica os organismos.

observamos na realidade é a presença documentada desses sinônimos em dicionários da área, enciclopédias e *sites* especializados.

Alguns exemplos são citados na tabela abaixo:

Quadro 1. Exemplos de sinonímia científica

Expressões cromáticas	Nomes científicos
ANGICO-VERMELHO	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan, <i>Anadenanthera macrocarpa</i> (Benth.) Brenan
ANGICO-AMARELO	<i>Peltophorum dubium</i> , <i>Brasilettia dubia</i> , <i>Caesalpinia dubia</i> , <i>Peltophorum vogelianum</i> , <i>Baryxylum dubium</i>
ANGICO-BRANCO	<i>Anadenanthera colubrina</i> , <i>Albizia polycephala</i> , <i>Piptadenia zehntneri</i> Harms, <i>Piptadenia colubrina</i> (Vell.) Benth, <i>Piptadenia macrocarpa</i>
BABOSA-BRANCA	<i>Cordia superba</i> , <i>Cordia atrofusca</i> Taub., <i>Cordia blanchetti</i>
CIPÓ-BARBA-BRANCA	<i>Clematis dioica</i> L., <i>Clematis brasiliana</i> DC., <i>Clematis campestris</i> , <i>Clematis hilarii</i>

Nesse sentido, é possível afirmar que se trate de formas sinônimas dado que são permutáveis, são utilizadas no mesmo padrão de língua, em um mesmo contexto situacional, isto é, no discurso entre especialistas de Ciências Biológicas e áreas afins, embora ocorram em regiões geográficas distintas.

Como dito anteriormente, um dos objetivos de nossa pesquisa foi a elaboração de um dicionário especializado que aborda o vocabulário em questão. Uma vez que nosso trabalho visa à descrição da terminologia da *Fauna* e da *Flora*, procuramos registrar todas as possibilidades de formas sinônimas no dicionário. Posteriormente, descreveremos como tais informações foram registradas. A seguir, trataremos dos fenômenos da polissemia e da homonímia.

A polissemia e a homonímia

A ambiguidade pode ser definida como a condição linguística de uma frase que pode levar a mais de uma interpretação pelo receptor da mensagem, ocorrendo devido a fatores fonéticos, gramaticais e lexicais, funcionando, inclusive, como um artefato estilístico. Pode-se afirmar que os fatores lexicais se sobressaem em relação aos outros, pois tratam da polivalência das palavras, podendo assumir duas formas: casos em que uma palavra tem dois ou mais significados, diz-se polissemia, e casos em que dois ou mais significados apresentam o mesmo som, diz-se homonímia. Nesse sentido, polissemia e homonímia são considerados elementos essenciais nos estudos relacionados ao léxico, uma vez que são conceitos decisivos para a sua descrição e, ademais, levam ao entendimento da natureza da ambiguidade (CORREIA, 2000).

No que diz respeito à *polissemia*, Zavaglia (2003, p. 244) destaca que:

[...] é um fenômeno que está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles, se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa.

Assim, dizemos que a polissemia se dá quando a um significante são destinadas várias significações atualizadas, na medida em que uma unidade lexical é reaproveitada na linguagem, porém preservando um núcleo sêmico comum e sem que seu significado inicial seja alterado. Tal fenômeno pode ocorrer devido a cinco fatores, de acordo com Ullmann (1964): 1. mudanças de aplicação da palavra, ou seja, as unidades lexicais têm certo número de aspectos que variam de acordo com o seu emprego, assim, a depender do contexto em que figuram e das unidades com que coocorrem, podem apresentar sentidos diferentes; 2. especialização num meio social, ou seja, as palavras adquirem sentidos especializados, cada um cabível em uma determinada área de especialização; 3. linguagem figurada, ou seja, uma palavra adquire sentidos figurados que convivem com o seu significado inicial; 4. homônimos reinterpretados, isto é, palavras com som idêntico, mas de origens diferentes e de sentidos não muito diversos que tendem a ser consideradas como uma única palavra; 5. influência estrangeira, ou seja, a palavra já existente num sistema linguístico tem seu significado alterado por meio da “importação de significado”.

Tanto Ullmann (1964) quanto Zavaglia (2003) concordam que a frequência das palavras está intimamente ligada ao fenômeno da polissemia, pois quanto maior for o uso, maiores as chances de surgirem novos sentidos. Ullmann (1964) e Correia (2000) colocam em relevo a relação estabelecida entre a polissemia e a economia linguística, afirmando que caso não houvesse a possibilidade de se atribuir mais que um sentido a uma mesma palavra, a nossa memória estaria sujeita a uma sobrecarga. Entretanto, Correia (2000, p. 65) clarifica que tal economia se dá apenas porque:

[...] o domínio das várias acepções de uma mesma unidade não requer da parte do falante qualquer esforço suplementar de memorização: efectivamente, o falante é capaz de apreender genericamente o significado de uma unidade lexical ao ser utilizada em contextos inesperados para denominar entidades inesperadas, ao mesmo tempo que é capaz de denominar entidades cujo nome não conhece usando palavras que designam entidades diferentes, sem que isso provoque dificuldades de comunicação.

A mesma autora acrescenta ainda que, da mesma forma que o ser humano é dotado de uma “competência sintática” que permite a produção e compreensão de frases, também é dotado de uma “competência semântico-denominativa” que o torna capaz de utilizar palavras já existentes com sentidos nunca antes produzidos ou compreender palavras com sentidos até o momento desconhecidos.

Correia (2000) e Zavaglia (2003) defendem que o contexto suprime as confusões entre os significados de uma palavra polissêmica, pois,

[...] um significado só terá sentido em uma determinada situação, dado que os outros significados não existirão (e não se confundirão) na mente do interlocutor. Com efeito, trata-se de um signo que possui um significante e um significado que é empregado em uma pluralidade de sentidos mais ou menos ampla; a correlação existente entre os diver-

dos sentidos conduz a um mesmo significante (fato esse que diferencia a polissemia da homonímia). (ZAVAGLIA, 2003, p. 246)

Caso o contexto não seja suficiente, ressalta Ullmann (1964), podemos fazer ainda uso de medidas (a depender da língua) que contribuem para reduzir os efeitos da polissemia, que são: o gênero gramatical; as diferenças na flexão; o acréscimo de outras palavras que ajudam na especificação do sentido; a ordem das palavras; e modificações na forma. A ambiguidade ocorre quando nenhum desses artifícios for suficiente, situações que podem derivar: do empréstimo semântico de uma língua estrangeira que pode levar o falante da língua materna ao equívoco; da aceitação de dois ou mais sentidos em um mesmo contexto na linguagem popular; e de onde menos se espera, do uso técnico e científico, pois mesmo que um conceito já esteja definido e nomeado, outros especialistas podem redefini-lo caso seja necessário. Não obstante, as confusões aumentam quando, segundo o mesmo autor, uma palavra já ambígua na linguagem comum também é empregada na linguagem especializada.

No tocante à homonímia, Zavaglia (2003) afirma que embora seja considerado menos comum e complexo, tal fenômeno apresenta efeitos igualmente problemáticos devido à dificuldade de definição. Ullmann (1964, p. 369) atenta para a dificuldade de delimitação entre a polissemia e a homonímia, visto que, nas palavras do autor, “é impossível medir o grau de proximidade dos significados”. Tal questão estabelece relação direta com a Lexicografia, pois muitas vezes cabe ao lexicógrafo decidir como será o registro das unidades supostamente homônimas ou polissêmicas.

De fato, muitas são as propostas de conceituação da homonímia que têm variado entre critérios diacrônicos, de convergência fonética, de divergência semântica, influência estrangeira, polissemia homonímica, critérios sintáticos e morfológicos, distinções estilísticas e sociais, ortografia, etc.

Contudo, é de comum acordo que tal fenômeno se manifeste quando um mesmo significante apresenta dois ou mais significados completamente diferentes, isto é, que não apresentam nenhuma relação entre si. Zavaglia (2003, p. 250) propõe a seguinte definição:

A homonímia é o fenômeno linguístico em que se tem a identidade de duas lexias no plano da expressão, ou seja, formas perfeitamente iguais que se distinguem semanticamente (um significante para dois significados, no plano do conteúdo) ou a identidade de duas construções gramaticais, gerando ambiguidade. O primeiro refere-se à homonímia lexical e o segundo à homonímia estrutural. (grifo da autora)

Desse modo, entende-se que duas palavras são homônimas quando apresentam a mesma forma, porém sentidos diferentes. Concernente à etimologia, argumenta-se que esse seja um dos critérios distintivos entre polissemia e homonímia. A Lexicografia, por exemplo, vale-se geralmente do critério etimológico para o estabelecimento da homonímia e sua diferenciação com a polissemia. *A título de elucidação, tomemos a unidade pena*. Esta apresenta etimologias que culminaram numa única forma com diferentes significados, como mostra a tabela abaixo:

Quadro 2. A etimologia como critério distintivo

Pena 1	gr. <i>poinê,ês</i>	Punição; sentimento de compaixão, pesar.
Pena 2	lat. <i>penna,ae</i>	Cada uma das estruturas que revestem o corpo das aves; instrumento utilizado para escrever.

Estamos diante de duas unidades lexicais que, a princípio, apresentavam significados e etimologias diferentes, mas que, diacronicamente, convergiram para uma mesma pronúncia e grafia, mantendo os dois significados primordiais diferentes e não relacionáveis, de sorte que são consideradas homônimas. Assim, os homônimos seriam formas etimologicamente distintas, com sentidos distintos, que diacronicamente caminharam para a coincidência gráfica (*homografia*) e fonética (*homofonia*).

Zavaglia (2003) explica que a homofonia se dá quando dois ou mais significantes apresentam grafia diferentes, porém são foneticamente idênticos, por exemplo, *cessão* “ato ou efeito de ceder”, *seção* “subdivisão, segmento” e *sessão* “período de duração de uma atividade”. No que diz respeito à homografia, a autora discorre sobre quatro casos distintos: 1. a homonímia semântica, isto é, casos em que a unidade lexical apresenta identidade oral e gramatical, porém com significados diferentes, por exemplo, *banco* “móvel utilizado para sentar” e *banco* “estabelecimento econômico”; 2. a homonímia categorial, isto é, unidades foneticamente idênticas, mas que se distinguem quanto à classe gramatical, por exemplo, *abandono* “substantivo” e *abandono* “verbo”; 3. a homonímia etimológica, isto é, unidades idênticas quanto à fonética e grafia, porém com etimologias distintas; 4. a homonímia heterófona, isto é, significantes de forma idêntica, mas de pronúncia diferente, por exemplo, *gosto* “substantivo” e *gosto* “verbo”. Assim como na polissemia, o contexto é uma das ferramentas mais importantes para se dirimir as confusões causadas pela homonímia.

A polissemia e a homonímia nas terminologias

Da mesma forma que a sinonímia é um fenômeno recorrente no discurso especializado, também observamos a ocorrência dos fenômenos da polissemia e da homonímia. Alves (2000) salienta que tais conceitos são definidos em Terminologia de forma análoga a da Lexicografia e da Lexicologia. Baseando-se em Rondeau (1984), a referida autora salienta que o fenômeno da homonímia não é visto em Terminologia como problemático, visto que cada unidade lexical especializada está vinculada a um determinado campo conceitual. Em outras palavras, uma unidade que compõe a terminologia de uma dada área do conhecimento refere-se a um único conceito dentro dessa área.

No que diz respeito ao reconhecimento de que uma mesma unidade lexical especializada possa ocorrer em diferentes contextos, Sager (1990) assinala que tal constatação destrói o ideal de univocidade, ideal esse que foi durante muito tempo sustentado pelo fato de que tais unidades homônimas ocorreriam em campos conceituais diferentes, o que afastaria ambiguidades. Segundo o mesmo autor, sempre houve o reconhecimento da existência da homonímia e, por conseguinte, de que uma mesma ULE pode pertencer a mais de um campo, sendo definida em cada um deles de um modo diferente. Em concordância com as palavras de Sager, Cabré (1993) explica que, como a Terminologia trabalha

com campos fechados, as formas iguais assumem valores diferentes a depender do campo em que se encontram.

Sem dúvida, a homonímia tem frequência marcante nas terminologias. Não obstante, os estudos em Terminologia e a sua prática têm demonstrado que a polissemia também está presente na linguagem especializada, havendo a constatação de relações polissêmicas entre unidades lexicais de um mesmo domínio do conhecimento. E como poderia ser diferente se o próprio item *terminologia* tem caráter polissêmico, referindo-se 1. ao conjunto de princípios que direcionam o estudo dos termos; 2. ao conjunto de diretrizes que orientam a prática terminológica; 3. ao conjunto de termos de uma determinada área de especialidade (KRIEGER; FINATTO, 2004).

De acordo com Alves (2000), a polissemia na linguagem especializada, assim como na linguagem comum, também está intimamente ligada à frequência com que um dado item ocorre, pois uma unidade lexical especializada muito frequente também está sujeita à multiplicidade de sentidos. Para Barros (2004), é a dinamicidade do léxico, aliada à sua atualização no discurso, que faz com que um item lexical evolua e assuma outros traços semânticos, resultando, assim, na sua polissemia. A autora, então, define como polissêmica a unidade lexical especializada cujo semema é composto por “vários subconjuntos sêmicos, os quais possuem uma zona de intersecção semântica”, constituindo “uma situação em que dois ou mais conceitos, em relação de oposição transitiva, são designados por uma mesma unidade lexical ou terminológica” (BARROS, 2004, p. 227).

Com efeito, frequentemente encontramos no domínio da Biologia um mesmo nome comum, ou seja, uma mesma expressão cromática, que denomine diferentes espécies, pertencentes tanto à mesma família e a gêneros diferentes, quanto a famílias diversas. Dessa forma, é absolutamente válido considerarmos como caso de polissemia a expressão *CAMBUÍ-ROXO*, que faz referência tanto à espécie *Eugenia candolleana* quanto à espécie *Myrtus rubra*, ambas pertencentes à família Myrtaceae e que, portanto, apresentam algumas características em comum. Uma vez que essas duas espécies pertencem à mesma família e, portanto, partilham de um número significativo de características, entendemos que estamos diante de uma única unidade lexical com acepções diferentes, mas que dentro do campo conceitual da *Flora*, encontram-se num mesmo subcampo.

Do mesmo modo, também é válido considerarmos como caso de homonímia, a expressão *BRANCA-URSINA* que faz referência à espécie *Acanthus mollis*, da família Acanthaceae, e à espécie *Heracleum sphondylium*, da família Apiaceae. Uma vez que não pertencem à mesma família, não compartilham dos mesmos traços distintivos. Portanto, entendemos o significante *branca-ursina* como dois itens lexicais diferentes, isto é, duas formas homônimas, cada qual com um sentido diferente que, dentro do campo conceitual da *Flora*, encontram-se em subcampos distintos.

Como dito anteriormente, esse trabalho é resultado de uma pesquisa focada no estudo das expressões cromáticas especializadas encontradas nos domínios da *Fauna* e da *Flora* e na elaboração de um dicionário especializado que aborda tal fatia lexical. A próxima seção será dedicada à descrição do tratamento da sinonímia, polissemia e homonímia no dicionário.

O registro da sinonímia, polissemia e homonímia no Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da *Fauna e Flora*

O processo de elaboração de obras lexicográficas, sejam elas especializadas ou não, exige do lexicógrafo o planejamento detalhado de cada etapa, desde a fatia do léxico que será abordada, bem como o perfil, até o modelo de macroestrutura e de microestrutura mais adequado para o público almejado.

A escolha em se trabalhar com expressões cromáticas especializadas deve-se, primeiramente, ao interesse no estudo das cores e sua contribuição na ampliação lexical; em segundo lugar, à constatação de que as cores também contribuem ativamente para a ampliação do léxico especializado nas mais diversas áreas; em terceiro, à grande frequência das cores na denominação das espécies da *Fauna* e da *Flora*. Assim, optamos por abordar no dicionário as expressões cromáticas, isto é, sintagmas nominais compostos pelos nomes de cores³ *vermelho, verde, azul, amarelo, preto, branco, cinza, marrom, rosa, laranja, roxo, violeta e anil*, encontrados nos subdomínios da Botânica, unicamente dentre as angiospermas, e da Zoologia, especificamente os vertebrados.

A partir desse recorte, estabelecemos o público-alvo do dicionário, a saber, especialistas e estudantes de Ciências Biológicas e áreas afins. Sendo assim, a forma como a nomenclatura e as informações são distribuídas é pensada a fim de atender às necessidades de tal público. O modelo de macro e microestrutura, bem como os fatores que nos levaram à sua elaboração, foram amplamente discutidos em Martins (2013), portanto, relataremos apenas a descrição dos fenômenos semânticos descritos anteriormente. Para uma melhor compreensão do que será exposto, ilustramos o modelo de verbete que serve de base para as considerações seguintes:

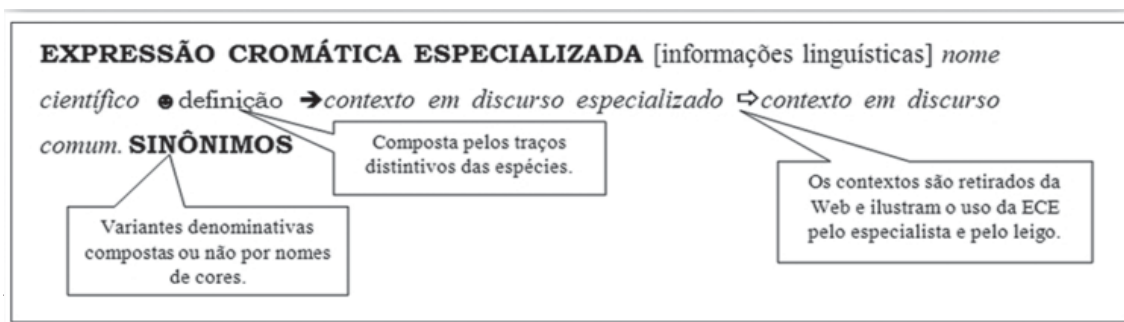


Figura 1. Modelo de verbete

Como exemplo de verbete, temos:

³ Tal tipologia de nomes de cores está baseada nos trabalhos de Berlin e Kay (1969), Arcaini (1991) e Zavaglia (1996).

PERCA-AMARELA [s.f.; pl. percas-amarelas; var. perca amarela] *Perca flavescens* (Mitchill, 1814) ● Peixe teleosteo, perciforme, que pode ser encontrado em águas calmas e profundas de rios. Com corpo fusiforme de cerca de 15 cm de comprimento, apresenta dorso negro com o restante do corpo dourado com listras pretas; ventre amarelo pálido e nadadeiras avermelhadas. Alimenta-se de peixes menores. → *No entanto, em estudos mais recentes realizados com juvenis de perca amarela e com bagre-do-canal (Twibell et al., 2001; Twibell et al., 2003), respectivamente, não houve melhora na conversão alimentar dos peixes alimentados com as dietas com CLA. ⇨ A perca amarela atinge a idade adulta ao cabo de três anos.*

<http://www.scielo.br/pdf/rbz/v36n5s0/a04v3650.pdf>
<http://www.netpiratas.com/aquaticos/39723-peixes-de-agua-doce-4.html>

Figura 2. Exemplo de verbete

O nosso estudo parte do reconhecimento da expressão cromática especializada (ECE), de sua localização dentro dos domínios da *Fauna* e da *Flora* e de sua relação com uma ou mais espécies. Sabemos que o falante comum usa do seu conhecimento de vocabulários já fixados para denominar as espécies que o rodeiam e, geralmente, se vale das características físicas destas para a identificação, a caracterização ou a diferenciação. Como na *Fauna* e na *Flora* a cor é uma característica física e, portanto, mais saliente aos olhos, é usada com frequência na construção de denominações populares e vernaculares. Surgem, assim, as expressões cromáticas consideradas por nós como sendo especializadas, pois, embora muito frequentes dentre os falantes leigos, pertencem a um determinado campo do saber. Além disso, são utilizadas também por especialistas com o objetivo de divulgação científica.

No que diz respeito à *denominação científica*, sabemos que ao redor do globo pode haver vários cientistas trabalhando no reconhecimento e caracterização de uma mesma espécie e que isso pode resultar em diferentes nomes científicos. Temos, então, casos em que ocorre a sinonímia científica. Desse modo, quando constatado dois ou mais nomes científicos para uma mesma ECE, estes foram elencados no campo destinado ao nome científico da espécie, logo após as informações linguísticas, como exemplificado a seguir:

MATAMATÁ-BRANCO [s.m./f.; pl. matamatás-brancos; var. matamatá branco]
Eschweilera coriácea, Eschweilera grandiflora, Eschweilera pedicelata

Figura 3. Disposição dos sinônimos científicos no interior do verbete

Em contrapartida, verificamos casos em que duas ou mais espécies pertencentes a uma mesma família, partilhando, portanto, de um número significativo de características, apresentavam a mesma denominação comum, isto é, uma mesma ECE. Tais casos, considerados nessa pesquisa como polissêmicos, ocorrem com relativa frequência. Abaixo, demonstramos seu tratamento no dicionário:

ORDEM: LAURALES; FAMÍLIA: LAURACEAE

CANELA-AMARELA [s.f.; pl. canelas-amarelas; var. canela amarela] 1. *Nectandra lanceolata* (Nees & Mart.), *Nectandra leucantha*, *Nectandra oreadum*, *Nectandra pichurim*, *Nectandra puberula*, *Nectandra weddellii*, *Ocotea pichurim*, *Cryptocarya moschata* ● Árvore endêmica da Mata Atlântica, de médio porte que não ultrapassa os 25 m de altura e 90 cm de diâmetro. Sua madeira foi muito usada durante décadas no Brasil na confecção de aberturas, (portas e janelas) por ser uma madeira muito resistente e de fácil manejo. Por consequência, hoje quase não se encontra espécie adulta desta árvore, já que leva em torno de 25 a 35 anos para atingir seu auge. → *Caso do pirapitinga, peixe que se alimenta das sementes da canela amarela, árvore que na região de Visconde de Mauá ocorre em 90% da mata ciliar.* ⇒ *A canela amarela e a canela preta fizeram parte da vida de muitos brasileiros que se quer tiveram conhecimento, serviram de assoalhos e tetos durante anos.* **SIN. CANELA-DA-VÁRZEA, CANELA-FDORENTA, CANELA-LOURO, CANELA-VERMELHA, ESPORA-DE-GALO** 2. *Nectandra ambigua* ● Árvore nativa do Brasil, podendo ser encontrada em todo o país. De aproximadamente 10 m, apresenta madeira de coloração amarelada; folhas coriáceas; flores aromáticas de coloração branco-amareladas; bagas ovoides; raiz de casca amarga e tônica. Sua madeira é muito utilizada na marcenaria e carpintaria. **SIN. CANELA-SECA** 3. *Ocotea diospyrifolia* ● Árvore nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil, ocorrendo nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do país. Pode ser encontrada em florestas estacionais semidecíduais, florestas ciliares e em várzeas. Tal espécie é típica de formações abertas, principalmente em matas de galeria e savanas úmidas. De aproximadamente 10 m de altura, apresenta casca tanífera; suas folhas são coriáceas; as flores são suavemente perfumadas e em panículas piramidais; as bagas são globosas. Sua madeira é de boa qualidade, sendo muito utilizada para postes e tábuas de assoalho. **SIN. CANELA-BARAÚNA, BATALHA, CANELA, LOURO-AMARELO, CANELA-LOURO, CANELÃO, CANELÃO-DE-MÓVEIS, CANELEIRO** 4. *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Aydenndron Tenellum* ● Árvore nativa do Brasil, ocorrendo principalmente nos estados do Amazonas, Minas Gerais e São Paulo, de aproximadamente 20 m. Apresenta folhas esparsas, flores brancas em panículas terminais e casca aromática. **SIN. LOURO-AMARELO, CANELA-AMARELA-DE-CHEIRO, CANELA-BRANCA, CANELA-POCA, CANELA-PORCA, CANELA-PORCA, LOURO-AMARELO-DE-CHEIRO, LOURO-INAMUÍ-DA-TERRA-FIRME**

<http://www.viscondeesconde.com.br/historias01.asp?pp=101>

<http://canelasecanelas.blogspot.com.br/>

Figura 4. Exemplo de ECE polissêmica

Como pode ser observado, trata-se de espécies distintas, algumas delas apresentam inclusive sinonímia científica, localizadas dentro de uma mesma família, a *Lauraceae*. Verificamos ainda nesse exemplo que há dissimilitudes em relação ao gênero, pois as acepções 1 e 2 referem-se ao *Nectandra*, diferentemente das acepções 3 e 4.

O registro é feito dentro da mesma entrada, porém, em diferentes acepções, numeradas e seguidas da definição e contextos apropriados, cujo endereço eletrônico será inserido no final do verbete. Optamos pela presença do contexto em apenas uma das acepções, escolha essa devida à baixa frequência das ECEs e, conseqüentemente, à dificuldade de se encontrar um exemplo adequado em que figurasse também o nome científico, informação essencial para a distinção da espécie.

Outro exemplo de verbete polissêmico diz respeito à ECE *jararaca-do-rabo-branco*:

BOTO-CINZA [s.m.; pl. botos-cinzas] **1.** *Sotalia guianensis* ● Cetáceo fluvial que pode ser encontrado nas bacias dos rios Amazonas e Orenoco. De aproximadamente 2 m e 55 Kg, apresenta coloração cinza escura no dorso que varia ao cinza claro ou rosa no ventre. Pode apresentar ainda faixas de coloração mais clara nas laterais do corpo. Ainda não está incluído na lista das espécies ameaçadas de extinção, embora alguns especialistas afirmem que deva ser incluída. → Com este estudo procurou-se obter informações sobre o comportamento, dieta e área de ocorrência do **boto-cinza** (*Sotalia guianensis*) presente na costa dos Estados da Bahia, do Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, de acordo com as informações relatadas por pescadores locais. ⇨ O **boto-cinza** (*Sotalia guianensis*) é um pequeno golfinho de coloração cinza, que pode variar de cinza claro ao escuro, com duas faixas de coloração mais claras na lateral. **2.** *Sotalia fluviatilis* ● Cetáceo marinho que pode ser encontrado desde o norte de Honduras até o sul do Brasil. Apresenta região dorsal e as nadadeiras de coloração acinzentada e a região ventral mais clara, podendo apresentar traços rosados nas laterais. **SIN. ASSOPRADOR, BOTO-COMUM, BOTO-PRETO, BOTO-TUCUXI, PIRAJAGUARA, TUCUXI**
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-28052010000100003&script=sci_arttext
http://www.aquasis.org/subprograma.php?id_oquefazemos=5

Figura 5. Exemplo de ECE polissêmica

Em contraposição ao verbete referente à ECE *canela-amarela*, constatamos a partir das informações presentes no verbete anterior que estamos diante de duas espécies pertencentes ao mesmo gênero. Por essa razão, compartilham de um número maior de características.

Os verbetes anteriores relatam a grande quantidade de denominações populares ou vernaculares relacionadas a cada espécie. De fato, o fenômeno da variação denominativa é muito frequente nos domínios da *Fauna* e da *Flora*, decorrente da adequação ao nível de língua e ao nível de especialização, da variação geográfica e social, da criatividade dos falantes e das diferenças de percepção e conceituação. Embora tal fenômeno fundamente a nossa pesquisa,⁴ essa temática não constitui o foco do presente estudo.

Casos não tão frequentes, porém dignos de atenção, são aqueles em que uma única ECE denomina duas espécies de famílias diferentes, compartilhando de um número restrito ou até mesmo nulo de características. Tais casos são considerados homônimos e, ao contrário do exemplo anterior, serão registrados em entradas separadas e incluídos dentro das respectivas famílias das quais fazem parte, constando no final do verbete uma remissiva que fará referência à outra espécie e sua família. Para ilustrar o tratamento desses casos no dicionário, citamos o verbete relativo à ECE *branca-ursina*:

⁴ Cf. Martins (2013).

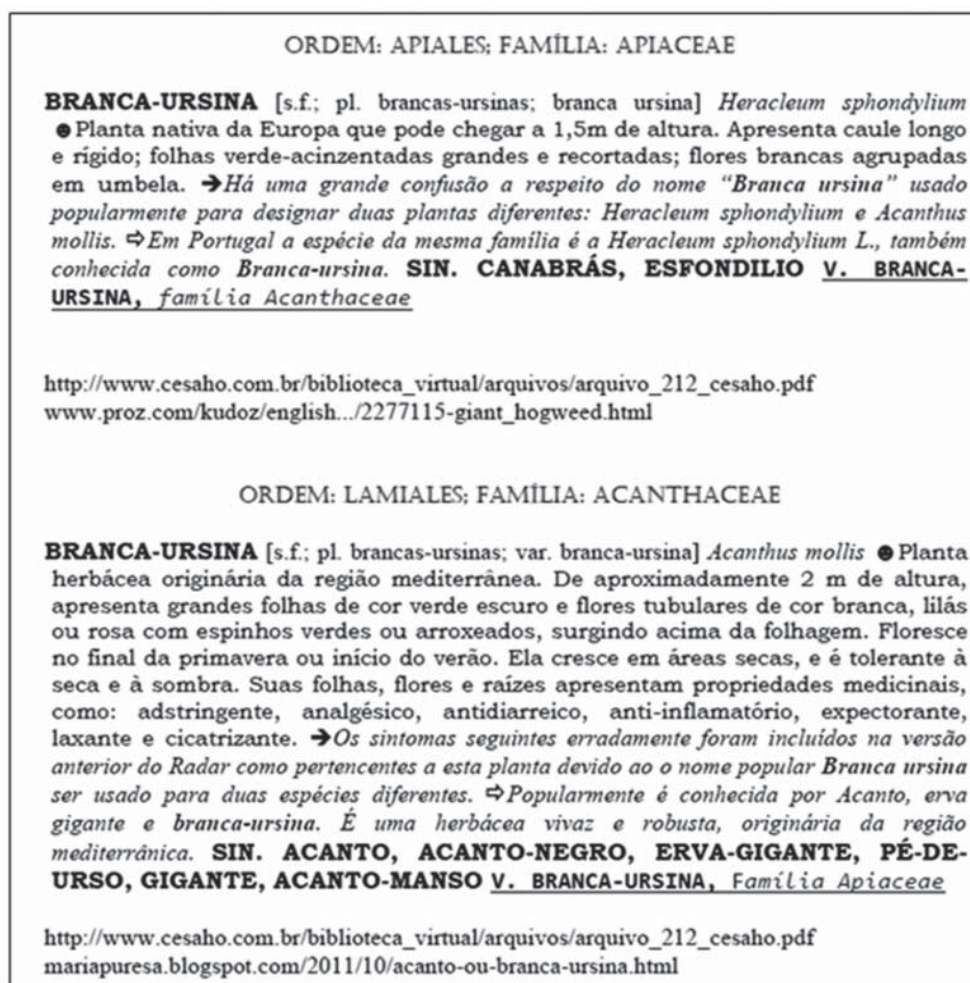


Figura 6. Exemplo de ECEs homônimas

Esse verbete ilustra ainda a organização onomasiológica do dicionário que reflete o modelo de classificação taxonômica das espécies. Como destacado no exemplo, a espécie *Heracleum sphondylium* e a espécie *Acanthus mollis* pertencem a famílias diferentes, incluídas em ordens diferentes, fato que justifica nossa opção por descrevê-las em entradas distintas.

Considerações finais

É certo que a ciência evolui e, concomitantemente à sua evolução, também seu objeto se transforma. No panorama atual dos Estudos Linguísticos, sobretudo nos que abordam o tratamento do léxico, é de extrema importância que se considere, para além de fatores intralinguísticos, fatores extralinguísticos, isto é, aspectos pragmáticos e comunicacionais, na tentativa de descrever a dinamicidade das unidades lexicais (especializadas ou não) das línguas naturais.

Assumindo uma posição descritiva do estudo do léxico especializado, apontamos para a existência dos fenômenos semânticos da sinonímia, polissemia e homonímia na constituição das terminologias, retratando sua ocorrência no vocabulário da *Fauna* e da *Flora*. Nesse sentido, em primeiro lugar, buscamos descrever cada um desses fenôme-

nos; em segundo, expomos sucintamente o ponto de vista dos estudos terminológicos sobre cada um deles; finalmente, explicamos como tais fenômenos ocorrem na terminologia em questão para, em seguida, relatarmos como os casos de sinonímia, polissemia e homonímia foram tratados no *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da Fauna e Flora*.

Por fim, concordamos com as palavras de Alves (2000) ao afirmar que a presença de tais fenômenos semânticos nos domínios das terminologias é uma forma de explorar os recursos da linguagem comum para a criação das unidades lexicais especializadas. Desse modo, a sinonímia, a polissemia e a homonímia não atingem em absoluto a eficácia da comunicação especializada, antes corroboram para a constatação de que o especializado e o comum convivem e se complementam.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. Polissemia e homonímia em uma perspectiva terminológica. *Alfa*, São Paulo, v. 44, p. 261-272, 2000.
- ARCAINI, E. *Analisi linguistica e traduzione*. Bologna: Patron Editore, 1991.
- BALDINGER, K. *Teoria Semantica: hacia una semantica moderna*. Madri: Alcalá, 1970.
- BARBOSA, M. A. Tradução e estudos interdisciplinares: A multiconceitualização do mundo. *Revista Italiano UERJ*, Ano 1, v.1, n. 1, p. 67-84, 2º semestre 2010.
- BARROS, L. A. *Curso básico de Terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.
- BERLIN, B.; KAY, P. *Basic Color Terms: Their Universality and Evolution*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1969.
- CABRÉ, M. T. *La terminologia: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.
- CONTENTE, M.; MAGALHÃES, J. Sinonimologia e tipologia contrastiva da sinonímia terminológica em Medicina. *Riterm – Revista Debate Terminológico*, n. 1, mar. 2005. Disponível em: <http://www.riterm.net/revista/n_1/index.htm>. Acesso em: 01 abr. 2013.
- CORREIA, M. Homonímia e polissemia: contributos para a delimitação dos conceitos. *Palavras*, n. 19, Lisboa: Associação dos Professores de Português, 2000, p. 57-75.
- KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.
- LANDAU, S. I. *Dictionaries: The Art and Craft of Lexicography*. New York; Sidney: The Cambridge University Press, 1989.
- MARTINS, S. C. *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora*. 2013. 220f. Dissertação (Mestrado) – São José do Rio Preto, 2013.
- QUICKE, D. L. J. *Principles and Techniques of Contemporary Taxonomy*. 2nd ed. London: Blakie Academic Professional, 1996.
- SAGER, J. C. *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990.
- ULLMANN, S. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

ZAVAGLIA, C. *Os cromônimos no italiano e no português do Brasil: uma análise comparativa*. 1996. 264f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Italiana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. Ambigüidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. *D.E.L.T.A.*, v. 19, n. 2, p. 237-266, 2003.